

Exmo. Sr. Prof. Dr. Luiz Carlos Zeferino, diretor da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, Senhores e Senhoras membros da mesa, mestres, convidados, familiares, meus colegas.

Quando eu recebi a missão de falar em nome da nossa turma, a primeira coisa que eu fiz foi resgatar e reler o discurso que o nosso orador fez em 1971.

Minha ideia inicial era resumir e historiar todos os principais pontos fazendo uma comparação com os dias de hoje.

Impossível.

Trata-se de uma obra-prima, perfeita, emocionante, linda.

Homenageia nosso patrono professor Bernardo Beiguelman e nosso paraninfo professor Oswaldo Vital Brasil e com palavras para a eternidade se refere ao professor Maurício, assistente da farmacologia que tão jovem deixou o nosso convívio.

Termina seu discurso nos exortando a jurar uma modificação da chamada Oração de São Francisco, adaptada para a atividade médica que naquele dia se iniciava.

Obrigado Dr. Radamés.

Você nos iniciou na prática médica com uma brilhante oração.

Mas sua última frase estava enganada...

Você termina com a palavra ADEUS em letras maiúsculas.

Você não imaginava que um de nós não iria se conformar.

Obrigado Dr. Cláudio Rossi para quem a palavra adeus nunca existiu.

Sempre foi até logo.

Obrigado por manter a nossa chama acesa e forte.

Há 55 anos éramos 76 alunos. 15 chamadas carinhosamente de meninas, como as chamamos até hoje. A grande maioria jovens, vindos de diversas cidades, estados, nações.

Lembro de um colega que dizia que tinha nascido às margens do maior delta fluvial do mundo. Bem, não era o maior, mas para nós ficou sendo. Outro que dizia que nascera em San Vitaliano, uma cidadezinha com menos de 5.000 habitantes perto de Nápoles.

Na verdade, éramos plurais e somos plurais até hoje. Como médicos e cientistas sabemos que plural é biológico, é essencial à vida. Temos orgulho em permanecermos plurais.

Mas há algo nesta turma que é singular.

A Universidade Estadual de Campinas foi criada em 1966. E nossa turma iniciou seus estudos em 1966. Nascemos juntos, crescemos juntos, vivemos juntos, Como diz o Dr. João Francisco, “Esta nossa turma foi muito especial, pois ainda que tivéssemos que vencer as dificuldades iniciais de uma Faculdade de Medicina nova, apesar de vibrante, tínhamos ainda que enfrentar os anos de chumbo de uma ditadura.” E ele continua “Não tínhamos o poder da expressão”

Pois é. Mais de cinquenta anos depois eu tomo a coragem de dizer que tínhamos sim o poder da expressão, era limitado, mas era defendido e exercido tenazmente pelos fundadores desta grande Universidade. E digo por que sou testemunha daqueles tempos sombrios.

Juntos, mestres e alunos estávamos construindo uma escola de Medicina e uma Universidade totalmente diferente das que existiam. Uma escola onde Reitor, Diretores, Chefes de Departamento seriam eleitos, inclusive com os votos dos alunos e funcionários. E isto estava ocorrendo “naqueles” anos de chumbo. Nos seis anos de nossa permanência nesta escola assistimos e participamos desde a criação da Universidade, até a consolidação da própria Faculdade de Medicina.

Uma característica importante de nossa turma foi a solidariedade. Bastava um aluno estar em dificuldade que os mais capazes se reuniam para estudar com ele. Mas, não foi assim que nasceu a Medicina nos tempos antigos? Não foi Hipócrates que disse “ensinar-lhes esta arte, se eles tiverem necessidade de aprendê-la”?

Outra coisa que marcou a nossa passagem por esta escola foi a alegria, o humor, sempre com muito respeito como lembra a Dra. Silvia Bolliguer. Alegria que nascia no violão dedilhado pelo Carlos Eduardo, pela flauta tocada pelo Roberto Carlos, pelas gravuras do Sérgio Matta, pelas declamações do Radamés e pelas colaborações de tantos outros. Fizemos os mais sisudos de nossos professores sorrirem. Como disse a Dra Suely, trouxemos leveza ao curso de medicina.

Em 1971, há cinquenta anos, fizemos o Show Medicina. Enquanto estávamos preocupados em “ser residente ou capitão, ser contratado ou dar plantão e, ainda, ter três empregos para ganhar o pão” nos reunimos e fizemos toda a escola se divertir e, porque não, refletir sobre “os seis anos que se foram, tanta ciência ou tanta ilusão”.

E foi neste show que muitas mãos escreveram e se juntaram para dizer cantando: “Agora sou médico, vou trabalhar... pensando que a vida é só amar. Dar Amor, curar a dor, fazer feliz quem quer viver”

Vejam a profundidade desta frase: “Dar amor, curar a dor e fazer feliz quem quer viver.”

Foi isto que esta escola fez de nós.

Médicos no sentido mais pleno da palavra.

A Comissão Organizadora me pediu para não agradecer ninguém. Mas eu posso fazer uma exortação.

Calouro, Prof. Dr. Luiz Carlos Zeferino. Cuide de nossa escola.

E vou desobedecer sim à comissão. Quando a gente fica mais velho tem de ter desafios.

Vou agradecer a vocês, meus colegas. Aos presentes, aos que não puderam estar aqui hoje e aos sempre presentes.

Tenho a honra e o orgulho de ser da IV Turma de Medicina da Unicamp.

Obrigado, meus colegas.

Sérgio dos Passos Ramos  
Campinas, 15 de outubro de 2021